



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
(ICHCA)
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO

“DOCUMENTÁRIO - FALAS TRANSGÊNERO

ORIENTADOR: Ruy Natos e Ferreira

ALUNA: Malba Almeida Barbosa

Maceió, Março de 2025

FALAS TRANSGÊNERO

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso (modalidade projeto experimental) apresentado como requisito parcial para obtenção do grau em bacharel em jornalismo, orientado pelo professor Dr. Ruy Matos e Ferreira.

Maceió, Março de 2025

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B238d Barbosa, Malba Almeida.

Documentário: fala transgênero/Malba Almeida Barbosa. – 2025. 26 f. :
il.

Orientador: Ruy Matos e Ferreira.

Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 26.

1. Pessoas transgênero. 2. Bem-estar. 3. Saúde pública.

CDU: 070:614



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos **27** dias do mês de **março** do ano de **2025**, das 09:30 h às 11:10h realizou-se na Universidade Federal de Alagoas (de forma on-line), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado **Falas Transgênero** da graduanda **Malba Almeida Barbosa**, matrícula nº **2021182**, do Curso Bacharelado em Jornalismo, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi constituída pelos (as): **Prof. Ruy Matos e Ferreira** (orientador), **Profa. Raquel do Monte Silva** (1º examinador), **Prof. Tiago Penna** (2º examinador).

Após exposição oral sintetizando o TCC, o graduando foi arguido pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular o TCC foi considerado:

- (X) Aprovado, atribuindo-lhe a nota **8,0** (oito inteiros)
() Reprovado
() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a ___ dias úteis.

Subscrevemo-nos

(orientador)	Documento assinado digitalmente RUY MATOS E FERREIRA Data: 27/03/2025 11:20:30-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
(1º)	Documento assinado digitalmente RAQUEL DO MONTE SILVA Data: 28/03/2025 09:06:12-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
(2º examinador)	Documento assinado digitalmente TIAGO PENNA Data: 27/03/2025 11:42:43-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

RESUMO

Este relatório faz um apanhado das questões que envolvem a transgêneridade no acesso ao serviço de saúde pública na cidade de Maceió (AL). Abordando a opinião de profissionais da saúde multidisciplinar, alinhando também aos depoimentos de pessoas transgênero. Um dos temas que causam discussões a humanidade é transgeneridade ou transexualidade, que já foi designado uma diferença entre sexo biológico e o sexo psicológico, em décadas passadas já foi classificada como doença mental e até Transtorno de Identidade de Gênero pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Ressaltando também os direitos ao nome social, e o acesso a saúde. O jornalismo tem como papel social dar voz a estas vítimas de violência (transfobia) que muito foram silenciadas. Faz-se necessário o resgate da dignidade humana, que é direito a todos de acordo com os direitos humanos. Utilizo como referências os trabalhos de Bento e Pelúdio (2012) entre outros, para conceituar essas questões referentes a identidade transgênero. A contaminação e a disseminação pelo vírus HIV/AIDS foram associadas aos indivíduos transexuais destacando o estigma da prostituição que estava atrelada a falta de oportunidade de emprego ou sobrevivência, inclusive aos casos de assassinatos a essas pessoas, que cada vez mais são noticiados no Brasil.

PALAVRAS-CHAVES: transgeneridade; bem-estar; saúde pública.

ABSTRACT

This report provides an overview of the issues surrounding transgender access to public health services in the city of Maceió (AL). It addresses the opinions of multidisciplinary health professionals and also includes the testimonies of transgender people. One of the topics that has caused debate in humanity is transgenderism or transsexuality, which has been called a difference between biological sex and psychological sex, and in past decades has been classified as a mental illness and even Gender Identity Disorder by the World Health Organization (WHO). Journalism has a social role to give a voice to these victims of violence (transphobia) who have been silenced for so long. It is necessary to rescue human dignity, which is everyone's right according to human rights. I use the works of Bento and Pelúdio (2012), among others, to conceptualize these issues relating to transgender identity. The contamination and spread of the HIV/AIDS virus was associated with transgender individuals, the stigma of prostitution, which was linked to the lack of job opportunities or survival, including the cases of murders of these people, which are increasingly being reported in Brazil.

KEY WORDS: transgenderism; well-being; public health.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Objetivos.....	10
Justificativa.....	11
Fundamentação teórica.....	12
Processo de produção jornalística do trabalho.....	14
Roteiro das gravações.....	17
Decupagem.....	23
Considerações finais.....	25
Referências.....	26

INTRODUÇÃO

O conceito de gênero faz parte da sociedade contemporânea, muito se fala na designação homem ou mulher no aspecto referente ao indivíduo, quando alguém não se enquadra nas características que nasceu o sexo biológico e suas particularidades, gera uma série de conflitos as pessoas transgênero. O termo travesti e transexuais possui carga pesada de hostilidade e preconceito social, muitas estigmatizadas que surgiram em apresentações de teatro por volta dos anos 70 no Brasil e fazendo uma ligação a Europa nas noites de Paris junto a prostituição e uso de substâncias proibidas como silicone industrial e hormônios por conta própria, que por ser nocivo pode trazer riscos a saúde.

Segundo (Butler 2015) a identidade de gênero acontece de suas vivências, experiências, do sentir, e não a determinismo pela sua biologia ou genitália.

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei de cultura inexorável (Butler, 2015, p. 28).

Na década de 90, a transexualidade foi classificada como patologia CID (classificação internacional de doenças e posteriormente transtorno sexual. O acesso ao serviço público de saúde, nem sempre foi acessível, com isso os indivíduos buscavam por conta própria automedicação por conta do preconceito e falta de atendimento humanizado a atender as necessidades dos pacientes. outra associação a esse público era a prostituição pela falta de oportunidades de emprego e a contaminação e disseminação do vírus HIV/AIDS por relações sexuais sem uso de preservativo ou associado ao sexo sujo.

A partir de 2002, houve a criação da segunda versão do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), na versão anterior não tratava do tema relacionado a discriminação pela orientação sexual. Outras edições foram criadas: 2003 criação do Conselho Nacional em receber denúncias de discriminação e violação aos direitos humanos, de acordo com a orientação sexual. Em 2004, a criação do *Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania de Homossexuais, Brasil sem Homofobia*, de acordo com o documento.

Sinaliza, de modo claro, á sociedade brasileira que, enquanto existirem cidadãos cujos direitos fundamentais não sejam respeitados por razões relativas á discriminação por: orientação sexual, raça, etnia, idade, credo religioso ou opinião política, não se poderá afirmar que a sociedade brasileira seja justa, igualitária, democrática e tolerante (BRASIL, 2004 a p.13-14).

A heteronormatividade usada em nosso meio social como espécie de regra imposta, um costume a ser seguido: fidelidade, padrão pai, mãe e filhos. Tudo isso voltado à heterossexualidade e que é obrigatório ser seguido, o contrário é visto como impróprio. Há relevância no acompanhamento dos processos de readequação sexual, lembrando também a temática desfaixa de gênero e a transgeneridade, o acesso a formação acadêmica até a representatividade em referências homossexuais. Também a transexualidade e travestilidade, e marcada por uma série de preconceitos históricos, sociais, políticos e religiosos, o que pode gerar em uma pessoa homossexual, e/ou transgênero, a vivência de sofrimentos psíquicos e a vulnerabilidade.

Sobre a transexualidade, o transexual alguém que se identifica com feminilidade ou masculinidade distinta a que se é esperada pelo meio em que se vive o que foi designado ao nascimento. Este indivíduo está em busca constante de transformação corporal e ser aceito no meio em que convive. De acordo com Bento:

As sociedades habituadas ao mundo dividido em vagina-mulheres- feminino e pênis-homens-masculino ficam desordenadas diante de corpos que transpõem as fronteiras do que é determinado como masculino e feminino; e aqueles que se atrevem a solicitar uma identidade de gênero em contraste àquela informada pela genitália que se tem, ao fazê-lo, poderão ser aprisionados pelas normas de gênero “mediante a medicalização e patogenização” (BENTO, 2008, p. 18).

Outro ponto a ser discutido é uso indiscriminado de silicone industrial, em busca de formas corporais femininas, a dificuldade acesso ao serviço público de saúde, o não reconhecimento do indivíduo quanto ao gênero que se identifica, ou mesmo os riscos que o uso desta substância pode causar, chegando à prática do suicídio. A prática de cirurgias nos casos de homens transgênero, como a mastectomia e esterectomia, usa de hormônios sem orientação médica, pode também causar enfermidades a estes indivíduos.

Um aspecto que faz a diferença no movimento da causa transgênero é a promoção de eventos como a parada pelo orgulho a diversidade, manifestações que mobilizam o público em pautas relevantes e reforçam que o respeito e a dignidade devem ser base da luta. No Brasil há aliados que fortalecem o engajamento, sejam ONGS (organização não governamental), ativistas, personalidades e outros. A fundação da ANTRA (Articulação Nacional de Travestis Transexuais e Transgêneros nos anos 2000 foi um marco na luta pela cidadania, no combate ao preconceito e a violência.

A relevância do dia 29 de janeiro de 2004 na visibilidade trans a nível nacional chama atenção para um olhar interno, a data fora criada por pessoas que vivem a causa, indivíduos que conhecem a realidade, que tiveram seus direitos em algum momento negado, e que os temas como educação, trabalho, acesso a saúde e tantos outros não sejam negligenciados.

O crime de ódio a estes indivíduos é o retrato de um país transfóbico que lidera os índices de mortes, onde vidas são perdidas e histórias apagadas. Um caso que recebeu grande comoção foi na região nordeste do país Ceará, a travesti Dandara dos Santos, foi morta com crueldade: espancada e morta a tiros em 15 de fevereiro de 2017, tudo isso foi filmado pelos assassinos. O ocorrido foi exposto na internet, chegando a ser noticiado em sites e ganhando repercussão na imprensa internacional.

Podemos reiterar que tais violações: ...de forma geral, repetem o padrão dos crimes de ódio, motivados por preconceito contra alguma característica da pessoa agredida que a identifique como parte de um grupo discriminado, socialmente desprotegido, e caracterizados pela forma hedionda como são executados, com várias facadas, alvejamento sem aviso, apedrejamento (STOTZER, 2007), reiterando, desse modo, a violência genérica e a abjeção com que são tratadas as pessoas transexuais e as travestis no Brasil. (Jesus, 2013, p. 11).

O direito a educação é a base da cidadania e primordial na formação do ser humano, socializar ter o poder do pertencimento, uma boa base educacional faz a diferença na vida do ser humano, entre as pessoas travestis ou transgênero a dificuldade em permanecer no ambiente de sala de aula é um dos desafios presentes. Questões que devem ser levadas em consideração: o desrespeito quanto ao uso do nome social, proibição do uso banheiro ou conflitos pelo preconceito e até perseguição a essas pessoas.

A evasão escolar ou mesmo a falta de oportunidade em estudar, faz com que muitas destas pessoas ingressem na prostituição pelo fato da sobrevivência, que muitos não dispõem ao acesso a direitos básicos como, por exemplo, carteira de trabalho ou contribuição ao INSS, sendo invisíveis ao campo social.

Uma das ativistas de grande relevância na década de 80 foi o trabalho duro e necessários da Pernambucana travistam Brenda Lee, Brenda foi pessoa marcante e ajudou travestis que não tinham onde morar, negligenciadas pela família ou que eram soropositivas em São Paulo com uma casa chamada Palácio das Princesas, em um tempo em que os números de casos de HIV/AIDS eram noticiados e associados a esta população.

Foi parabenizada pela apresentadora Hebe Camargo — um ícone da televisão — e convidada a vários eventos com a intenção de angariar fundos. Em 1988, fundou oficialmente a Casa de Apoio Brenda Lee. Por toda militância e solidariedade “ficou famosa, em São Paulo, a pensão da travesti Brenda Lee, que passou a abrigar e sustentar dezenas de travestis infectados ou doentes de AIDS” (Trevisan, 1986, p. 369).

Mesmo com sua contribuição a população vulnerável, Brenda foi vítima de assassinato em maio de 1996 por um funcionário de sua confiança. Seu trabalho foi

reconhecido nacionalmente e após sua morte criou-se o prêmio Brenda Lee em alusão ao dia mundial de combate a AIDS.

OBJETIVOS

GERAL: Abordar os desafios enfrentados por essas pessoas ao acessar o serviço de saúde pública em Maceió. Como o poder público trabalha a fim de atender as necessidades deste público.

ESPECÍFICOS:

- Ouvir indivíduos que começaram a transição;
- Falar com profissionais da saúde / médicos e demais;
- Apresentar barreiras enfrentadas, custos no processo de transgeneridade.

JUSTIFICATIVA

Abordar a transgeneridade é um dos desafios da sociedade atual, o Brasil é um dos países que praticam a transfobia que é a discriminação a pessoas transgênero, seja na negação a direitos básicos como o direito ao nome social e que este seja validado, uso de espaços públicos (uso de banheiros), o acesso a educação, o direito a hormonioterapia e até mesmo os inúmeros casos de assassinatos praticados a essa população pelo simples fato de ser transgênero.

A necessidade em discutir esse tema, nasce dos recorrentes casos noticiados diariamente na imprensa seja por veículos de televisão ou sites na internet, e a banalização destes homicídios, são vidas perdidas, sangue derramado, histórias apagadas, não são apenas números de estatística, são seres humanos que tiveram suas vidas interrompidas pelo preconceito e violência. O acesso ao mercado de trabalho é outro aspecto que muitas pessoas não conseguem ocupar cargos dignos trabalhistas e muitos chegam ao estigma da prostituição, por sobrevivência, o uso de drogas e a exclusão social. A falta de apoio familiar ou a não aceitação da mudança de gênero, faz com que muitas destas pessoas sejam expulsas de seus lares chegando à marginalidade.

O jornalismo tem como papel informar, investigar, apurar e dar visibilidade a população transgênero que muito foram silenciadas e necessitam de políticas públicas efetivas. O ativismo praticado em palestras, encontros ou paradas do

orgulho, que é a prática em favor da causa transgênero, tem papel fundamental na divulgação, orientação, debater e disseminar os direitos da comunidade.

Em décadas passadas o uso de silicone industrial e próteses de silicone de procedência duvidosa eram usados para ressaltar as formas do corpo feminino, mas algo que deformou o corpo e até colocaria em risco a vida de muitos. Atualmente a saúde pública já dispõe de recursos adequados, acolhimento multidisciplinar e tratamento humanizado. Os corpos femininos transgênero ainda sofrem mais um estigma, como se não bastasse as vicissitudes, ainda há o fetichismo por esses corpos.

Há também o preconceito por parte da religião, conceitos e dogmas que são radicais, excluem, abominam e não acolhem estes indivíduos, tratando o tema como uma doença ou desvio de comportamento moral ou falta de fé.

A disforia de gênero é outro ponto que faz parte dos desafios destas pessoas. Ter um órgão sexual que não é compatível com seu gênero, trás desconforto, causando automutilação e até práticas suicidas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Acompanhando o noticiário local, pude observar às reportagens na televisão e nas páginas da internet a violência e mortes a população transgênero, algo que despertou minha atenção sobre a relevância do tema em nossa sociedade. A frequência das práticas realizadas desde xingamentos, violência física e até mesmo assassinatos, tornou-se cada vez mais comuns e pouco se é feito em punição aos que praticam o crime, muitas vezes as vítimas são negligenciadas e mesmo com toda evolução em busca dos direitos as pessoas transgênero, essa realidade ainda é presente.

Pesquisando, assistindo documentários e conversando com pessoas transgênero, pude perceber que o tema é pouco falado, por falta de literatura em grande escala, por não ser abordado em com tamanha relevância que o tema inspira, a temática sobre gênero e transgêneridade precisa ser trabalhada no ensino básico e superior. Sejam as particularidades: problemas, estigmas, inseguranças, preconceitos e tantos outros aspectos que afligem o ser humano. O jornalismo tem papel fundamental nesta tarefa em abordar, investigar e esclarecer sobre os casos de transfobia. A necessidade em tratar do tema, faz com que o documentário seja o produto escolhido para retratar de forma didática que este tema deve ser tratado com responsabilidade e delicadeza.

Fazendo uma imersão na história do cinema brasileiro, pontos da metodologia e a temáticas, opiniões de cineastas e estudiosos da área, em que fazer cinema é ficcional no que compete ao longa metragem. Salientando os primeiros 30 anos dos anos 1900, mesmo não ficcionais não significa que não tenham valor. O cinema era de grande relevância tanto que os filmes exibiam e valorizavam os bens materiais, modo de vida, comportamento, luxo e poder. A classe alta da sociedade começou a

retratar pessoas influentes, autoridades, em contraponto o futebol diferente dos dias atuais não tinha glamour, pelo contrário era visto como segunda classe.

O mecanismo documentário em sua essência é a profundidade e a investigação com que aborda assuntos, um olhar diferenciado ao produto jornalístico. Outro detalhe que deve ser levado em consideração envolve a dualidade da ficção e realidade, análise do discurso, linguística e conversação. A exibição de documentários na televisão aberta não é vista em grande escala, exceto na programação de contexto educacional, pois a programação de televisão aberta é pautada em notícias factuais e com apelo de comerciais e propagandas.

O fator noticiabilidade e como essas informações vão chegar ao telespectador, questões culturais também devem ser levadas em consideração, o imediatismo é outro ponto a se falar, que faz com se determine assuntos que serão abordados na programação de notícias. A subjetividade do diretor de um documentário é o gás necessário que vai conduzir aos caminhos que ele se propõe, a opinião, o viés da obra, o que ele defende tudo isso é a marca do seu idealizador e seu conteúdo.

“Um documentário ou é autoral ou não é nada. Ninguém pode confundir um filme de Flaherty com um filme de Joris Ivens. Isso acontece porque Flaherty vê a realidade de forma inteiramente diferente de Ivens. A autoria é uma construção singular da realidade. Logo, é uma visão que me interessa porque nunca será a minha. É exatamente isso que espero de qualquer bom documentário: não apenas fatos, mas o acesso a outra maneira de ver. (João Moreira Salles).

A forma de construção de um documentário é a clareza e o recorte com a realidade, uso de imagens e documentos, podendo ser um recorte histórico, biográfico ou científico, com traços da ficção, destacando o olhar do autor. A produção de cinejornais tem pontos distintos e semelhantes no cinema e jornais, o uso da narrativa tanto no jornalismo quanto no cinema aliados na construção desta tarefa.

O jornalismo e o documentário acontecem quando a notícia há junção da narrativa documental sendo muito utilizada. Tomando como exemplo Ônibus 174- um apanhado de informações e imagens da reportagem do ocorrido da vida real. Outro conteúdo que chamou atenção foi a produção Missionários de Cleisson Vidal e Andréa Prates- 2005, as duas produções tratam da violência urbana descrita no modelo documentário.

“A redação de notícias é fortemente influenciada por estereótipos e concepções prévias sobre o que deve ser ‘a matéria’. Sem categorias preestabelecidas do que constitui a ‘notícia’, é impossível classificar a experiência” (Darnton, 1990, p. 92).

Associar o documentário a verdade, realidade e objetividade junto ao jornalismo como papel formador da opinião pública e mídia de massa. Na visão de Martín Barbero, os produtos com maior destaque na mídia são os noticiários e telenovelas: o noticiário por suas produções factuais e do cotidiano, já as telenovelas abordam temas diversos da sociedade atual, desde uniões homoafetivas, racismo, feminismo entre outros temas pertinentes que se tornam debate na sala de casa ou até mesmo no ambiente corporativo.

O produto audiovisual é elencado como pertencente à comunicação, seja utilizando o documentário na forma de exposição do real e ficcional. No cinema, há detalhes que sobressaem as chamadas vozes individuais e compartilhadas em junção ao estudo do gênero, enfatizando pontos entre cineastas e produções fílmicas. Há seis subgêneros de modos em documentários: poéticos, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

Participativo: o destaque se dá quando o pesquisador faz uma espécie de laboratório, vai buscar, colher informações, participa de forma ativa da vida das pessoas, uma espécie de imersão no seu objeto de estudo. Vivenciar experiências também estão nas premissas.

Observativo: significa as considerações éticas e observação e deixar que as outras pessoas continuem suas tarefas, sendo lembrado também com voyeurístico, no documentário a presença marcante de personagens reais.

Expositivo: uso de legendas ou vozes, que possuem um contexto e tem uma proposta de contar uma história.

Poético: está intrinsecamente ligado a um argumento ou ponto de vista.

Reflexivo: abordam o realismo, constroem pontos de realismo físico emocional ou psicológico (ele desafia as convenções, também descrevem opressão).

Performático: é marcado pelo subjetivismo, cada elemento tem um significado para quem assiste, recordações, valores, dogmas e conceitos e tantos outros temas que envolvem as emoções que são expostas pelo documentário.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

Início deu-se em 25 de março de 2024 seminário na reitoria da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Campus A.C. Simões, como ouvinte do seminário das juventudes e saúde LGBTQIAPN+, em parceria com a agenda jovem FIOCRUZ, GEPHGS (grupo de estudos e pesquisa em história, gênero e sexualidade) autoridades, políticos, lideranças, ativistas e a comunidade acadêmica. Onde foi lançada a cartilha das juventudes e saúde lgbtqiapn+ em parceria com a agenda jovem FIOCRUZ.

De abril a julho deu-se busca de referências, locais de atendimento médico (ambulatórios), contatos dos personagens que participaram do documentário. Em 20 de julho aquisição de microfone lapela.

Dia 13 de agosto, iniciou reuniões, GEPHGS (grupo de estudos e pesquisa em história, gênero e sexualidade) no ICHCA, que contribuiu para aprimorar os ensinamentos sobre este tema. Os encontros ocorreram semanalmente às terças-feiras no período da tarde com a orientação do professor Doutor em História Elias Ferreira Veras.

Planejamento de visita ao Hospital Universitário em 15 de agosto de 2024, no ambulatório voltado para pessoas transgênero, para conhecer as instalações, sala de acolhimento e agendamento a voltar para entrevistar os profissionais.

O ambulatório trans (sala 16), fica localizado nas dependências do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HU). Na Avenida Lourival Melo Mota S/N, Tabuleiro dos Martins. Ele funciona desde agosto de 2021, o atendimento é para pessoas a partir de 18 anos. A responsável técnica é a psicóloga Ruthléia da Silva soares. O atendimento acontece sempre as terças, quintas e sextas-feiras, das 7 às 11 h da manhã.

O espaço faz acolhimento de pacientes que antes precisam ir a UDA no bairro Village. No ambulatório, conta com profissionais: médica endócrina, psiquiatra, assistente social e uma enfermeira. Enfermeira: Camila Paz Santos Andrade /Psicóloga: Ruthléia da Silva Soares / Assistente social: Francinete Raquel Vieira Silva / Psiquiatra: Victor José Correia Lessa. Sobre as gravações, ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2024.

As filmagens foram feitas nos meses de agosto e setembro de 2024, com câmera de celular Samsung A10, microfone de lapela e roteiro de perguntas aos entrevistados. As gravações ocorreram a luz do dia, em períodos da manhã e tarde. Em lugares como a Universidade Federal de Alagoas e nos ambulatórios do Hospital Alberto Antunes e no ambulatório saúde da Família João Fireman.

No dia 20 de agosto gravações mulher transgênero Diana Justino graduanda Jornalismo, Diana relatou sobre sua vida, uma mulher transgênero que sofreu violência em casa praticada por seu padrasto por não aceitar condição de pessoa transgênero.

Dia 21 de agosto a gravação da entrevista com profissionais do ambulatório endócrino Izabelle de Fátima Praxedes Cahet, do Hospital Alberto Antunes.

Dia 23 de agosto gravações da entrevista com homem transgênero Lucas Gabriel (estudante relações públicas) Lucas conta que tomou testosterona com acompanhamento médico, falou sobre sua vida, contou ainda que seus pais no início não reagiram bem ao saberem que seu filho se sentia uma pessoa transgênero e que foi desafiador, mas que com o passar do tempo, eles passaram a apoiá-lo em sua transição.

Diz ainda do acolhimento quando chegou a Universidade Federal de Alagoas e que mesmo com todo progresso da transgeneridade na sociedade, ainda se sente

inseguro para usar espaços públicos (usar o banheiro de shopping ou andar de mãos dadas com a namorada). Ele teme passar por transfobia.

Sobre o Hospital da criança:

Em entrevista no dia 29 de agosto, segundo a assistente social Yasmin Cardoso, há o acompanhamento de crianças a partir dos 3 anos e adolescentes até os 14 anos, o hospital da criança localizado na ladeira do óleo, bairro jacintinho (ambulatório) voltado para disforia de gênero (quando a criança ou adolescente não se reconhece no gênero biológico), acolhimento as crianças e as famílias.

Possui equipe multidisciplinar (um assistente social, uma psicóloga e uma endocrinologista. A porta de entrada do ambulatório é no hospital da criança. Atendimento esse na primeira sexta-feira de cada mês. Os trabalhos iniciaram em 02 de agosto de 2024.

Dia 29 de agosto aconteceu o seminário estadual de serviço social e diversidade trans, no auditório do bloco da faculdade de economia, administração e contabilidade (FEAC) UFAL no campus A.C. Simões. Contou com palestrantes: assistente social do espaço trans (H.U) Francinele Raquel Vieira Silva, Marcos Delfim assistente social do ambulatório saúde da família João Fireman, assistente social Yasmin Cardoso do ambulatório do hospital da criança.

No evento foram exibidos dados do perfil dos acolhidos: média de idade, bairro, classe social entre outros aspectos. Tendo a presença da graduanda transgênero Margot Gomes (assistência social0 (UFAL) onde foram debatidas e apresentadas as questões da transgêneridade, serviços da equipe multidisciplinar e na área de assistência social a população transgênero.

Seguindo a ordem das gravações, dia 3 de setembro houve a entrevista com a ativista Natasha Wonderfull no posto de saúde Roland Simons no bairro Vergel do Lago, onde Natasha falou sobre sua vida pessoal, seu trabalho, (o estigma da prostituição) e a luta pelos direitos das pessoas transgênero (ativismo)

No dia 11 de setembro dando continuidade ao processo de gravação de entrevista no ambulatório da família João Fireman (o atendimento é para adolescentes a partir dos 16 anos). A psicóloga Dra Bruna Diniz, ela esclarece aspectos sobre gênero, sociedade, despatologização do termo transexual, disforia de gênero, automutilação e suicídio.

Jady Francieli, mulher transgênero, de 38 anos, descreve sua vida que para sobreviver está na prostituição. Fala um pouco como é a ser prostituta. Ela não concluiu o ensino médio e pretende chegar a ter formação superior.

Lanna Ellen, mulher transgênero, morou em São Paulo e veio para Maceió em busca de melhoria de vida. Sofreu vários episódios de transfobia, esteve na prostituição, foi usuária drogas, hoje é ex-dependente química, já foi ameaçada de morte por homens que não queriam pagar o programa. Faz trabalho social para ajudar a comunidade.

As dificuldades encontradas foram: alguns personagens se recusarem a participar alegaram questões pessoais: medo da exposição da família, recusa em aparecer. Empecilho foi encontrar dados precisos sobre a violência, as mortes: motivo que muitas vezes o crime não é investigado a fundo (esclarecido).

Roteiro de gravações	
Gravações do documentário falas transgênero	
Vídeo	áudio
Apresentação de dança de uma mulher trans na reitoria Suhan - dançando (uma mulher pintando as unhas) - falando sobre pessoas transgênero (off)	Música de fundo (música espanhola) (durante essa apresentação vem o nome falas transgênero / a descrição do documentário e vem escrita a legenda esse documentário é uma homenagem as vítimas de transfobia. Ser uma mulher transgênero não é fácil, lidar com o preconceito é um dos desafios que as mulheres transgênero enfrentam. Justino, mulher trans, estudante de jornalismo pela UFAL, nos contará relatos sobre sua vida.
Diana justino –mulher transgênero. (40' a 1;10") Ela relata momentos da vida (02;40 a 03;32)	Olá, eu sou diana justino mulher trans, travesti, negra, tenho 25 anos... vim morar em Maceió na região periférica e onde moro até hoje. Eu sempre fui uma criança afeminada, muito inteligente, eu sempre me vi como mulher, eu vestia as roupas da minha mãe.....quando eu sabia que meu padrasto estava chegando, eu tinha que fazer toda uma desmontação.....
(04;14 a 4;40) (11: 23 a 12: 39)	Quando esse ser masculino me bateu com uma vara e me deixou muito marcada mesmo, desde nova isso me marca até hoje. minha mãe ela nunca me bateu. Na época, quando eu assumi a minha identidade de gênero, eu cheguei para uma tia..... Ela disse que me veria no jornal, sendo assassinada.....
falando sobre homem trans lucas (off) imagens da loja (aparecem estantes com camisas de cores variadas, artigos masculinos)	O indivíduo transmasculino enfrenta dilemas na sua transição, seja pela não aceitação familiar ou pela sociedade. O jovem lucas gabriel é um homem transgênero, que contará o processo que viveu.

Lucas gabriel (temp 01:05)	oi, meu nome é lucas, tenho 23 anos sou homem trans e faço relações públicas na ufal.eu estou em testosterona faz 6 meses e para mim o momento mais marcante da transição foi quando a retificação das minhas documentações, que foi ano passado 2023..... a aceitação dos meus pais, ter o apoio deles e saber que não estou sozinho durante este período e o início da testosterona, isso reforçou que eu estava mais perto de quem sou realmente.
(vídeo uma mulher está penteando os cabelos e separando maquiagem)	A prostituição é um dos estigmas que fazem parte da vida de mulheres trans ou travestis. casos como os de lanna ellen, jaddy francielli e natasha wanderfull, mostram a realidade de muitas que buscam oportunidade de trabalho, mas infelizmente esse direito é negado por conta do preconceito, com isso recorrem a prostituição.
(off) falando sobre prostituição. Jady francielli/ mulher trans prostituta Jady fala das dificuldades da vida em ser uma garota de programa (00: 01 a 00:29)	Oi, meu nome é jady francielli, tenho 38 anos comecei minha transição desde os meus 14 anos. hoje eu só tenho agradecer e a concluir minha transição e as dificuldades da vida, de uma pessoa travesti é, ela é diariamente no dia a dia. Como de qualquer pessoa nos somos que mais sofremostem a realidade de uma vida de uma pessoa na prostituição mesmo.
(00:01 a 01:19)	A dificuldade mesmo é na sala de aula, na procura de um emprego..... principalmente quem vive na vida de prostituição só por ser travesti não dão oportunidade.

Lanna ellen Mulher trans, ex prostituta, ex dependente química (00:01 a 36) (00:01 a 00:26) (00:01 a 00:23) Lanna ellen, ex adicta, ex garota de programa, conta que já foi ameaçada de morte por clientes na prostituição	Sou a lanna ellen mulher trans, travesti resido aqui em Maceió Alagoas, sou paulistana, mas estou aqui em Maceió há 5 anos, me identifiquei como mulher trans apartir dos 20 anos de idade.....chegando aqui em Maceió, em São paulo, eu era uma ex dependente quimica, por não ter estrututa de família, estrutura psicologica eu acabei em envolvendo em coisas erradasna rua já fui ameaçada por varios clientes, que sai com a gente e não pagam.
Natasha mulher trans enfermeira do projeto saúde na rua. ex garota de programa (00:01 a 00:08) (00:01 a 00:22) (00:01 a 00:42) (00:01 a 01:09) Natasha é uma mulher transgênero, já foi garota de programa, hoje trabalha na prefeitura de Maceió. (off) falando sobre saúde pública. Vídeo aparece imagens da frente do h.u Dra bruna diniz Psicóloga (ambulatório saúde da família) João Fireman (00:01 a 00:28)	Natasha wanderfull resido em Maceió alagoas, sou pernambucana e a minha idade já passei dos 50 anos..... eu não tive infância.sai de pernambuco e vim para Maceió onde comecei na prostituição. Essas meninas travestis tem apoio da família, essa nova geração, não é a minha geração. Eu faço parte da (antra) tem encontro nacional, eu sempre estou representando Maceió.....parar de vê travesti só na prostituição..... Off saúde pública A saúde pública é importante aliado no acolhimento as pessoas transgênero. mesmo com toda evolução dos serviços, o número de unidades de saúde em Maceió, ainda é pequeno. Em algum momento da história, ser trans já foi visto como uma doença, estava no código internacional de doenças, o que já foi superado. Há um conflito no campo do gênero que exista uma coesão maior.

Dra bruna diniz Psicóloga (ambatório saúde da família) joão fireman (00:01 a00:28) A dra fala sobre disforia de gênero e despatologização (00; 01 a 00: 29)	Em algum momento da história, ser trans já foi visto como uma doença, estava no código internacional de doenças, o que já foi superado. Há um conflito no campo do gênero que exista uma coesão maior. A disforia é um sintoma no processo de incongruência de gêneroem que ao corpo causa muito sofrimento, o desejo da retirada deste órgão, desejo de automutilação, porque é insuportável lidar com este órgão.
Marcos delfim / assistente social (00; 01 a 00:25) Fala da saúde pública e mastectomia	A elaboração muito competente do comitê da SESA, uma equipe de profissionaisatendimento social, psicológico, serviço de mastectomia .eu acredito que evoluiu bastante.
Isabelly praxedes / endocrinologista (00: 42 a 01:05) Fala do hospital h.u e fala do tempo que vai a hormônio terapia	Sou dra isabelly praxedes hospital universitário alberto antunes desde 2008, atendimento trans no ambatório, porta de entrada é a uda e a famed..... a hormonização por gênero por lei ela acontece a partir dos 18 anosvai até a andropausa homem e menopausa para a mulher.
Última cena: banheiro ela está lavando o rosto e fazendo maquiagem. / começa diana está lavando o rosto diante do espelho do banheiro termina diana secando o rosto.	Off: ser feliz é muito bom, todos nós temos direito a felicidade, mas nem sempre a felicidade acontece para todos.

FALAS TRANS / PROFISSIONAIS E PERSONAGENS

Roteiro utilizado como base para a filmagem do documentário: entrevistas com a endócrino dra Isabelle praxedes -espaço trans (H.U), a personagem diana justino, o personagem Lucas Gabriel, a ativista Natasha wonderfull, assistente social Marcos Delfim, psicóloga Bruna Diniz –ambulatório João Fireman, yasmin cardoso –hospital da criança, Lanna ellen e jady (mulher transgênero -prostituta)

Imagens captadas

Cena 1

**INTERNA - espaço área comum / bloco de enfermagem farmácia ufal –DIA.1
20/08/24 (bancos de madeira) fim de tarde**

A entrevistada: mulher trans Diana maria justino, ela está sentada em uma cadeira de madeira, usando vestido preto, tamancos pretos, cabelos compridos trançados, usa maquiagem e acessórios (bijuterias). ela narra sua vida.

CENA 2

Interna - ambulatório trans no hospital universitário

Interna: sala de consultório –DIA 2 (22/08/2024)

Dra endocrinologista e professora: Isabelle de Fátima Praxedes. ela está usando calça jeans azul, blusa rosa e jaleco verde com estetoscópio no pescoço, usa óculos de grau, cabelos cacheados médios/um pouco presos, tem brincos (adornos). está sentada em sua cadeira de atendimento, diante de uma mesa com um computador.

A dra isabelle se apresenta e fala como é feito o seu trabalho, seu depoimento sobre o atendimento aos pacientes transgênero. Fala dos desafios que alguns pacientes faltam as consultas e finaliza pontuando sobre a hormonização e sua duração.

CENA 3

Gravação interna –DIA 3 (23/08/2024)

Homem transgênero/ Lucas Gabriel

Lucas Gabriel é um homem trans de 23 anos, estudante de relações públicas, ele conta o processo da transição e fala da importância do apoio familiar neste momento. Conta também da retificação de seus documentos que foi um processo afirmativo de sua transição, além do hormônio testosterona que usa há 6 meses

CENA 4:

O assistente social, social Marcos Delfim do ambulatório saúde da família João Fireman. Dia 4 (29/8)

Marcos Delfim: ele está sentado em uma cadeira bege do auditório, usa camisa bege de manga longa e calça jeans azul, sapatos pretos. Marcos conta como está a saúde pública de Maceió em atender as pessoas transgênero.

CENA 5: gravações internas posto de saúde comunitário Roland Simon

Rua Cabo Reis, s/n -Vergel do Lago. Maceió -AL dia 4 (03/09/2024)

Mulher trans: Natasha wonderfull da Silva

Em uma sala de materiais do programa saúde na rua (prefeitura de Maceió)

Natasha está sentada em uma cadeira diante de um mobiliário de escritório, está usando blusa na cor rosa de crochê, brincos, batom e maquiagem. relata sua vida, desde a infância, sua transição, o uso de hormônios por conta própria, até a prostituição. fala também de seu trabalho como enfermeira e a relevância de seu papel social como ativista na causa da pessoa transgênero participação a eventos, viagens e palestras.

CENA 6: gravação interna / clínica da família João Fireman (ambulatório trans) dia 5 (11/09/2024) luz ambiente. dia

Psicóloga (doutora Bruna Diniz). na sala 07 de atendimento. a psicóloga Bruna Diniz, está sentada em uma cadeira de escritório, usa cabelos curtos e cacheados a altura do pescoço, veste blusa verde e calça de tecido preta e sapatos pretos.

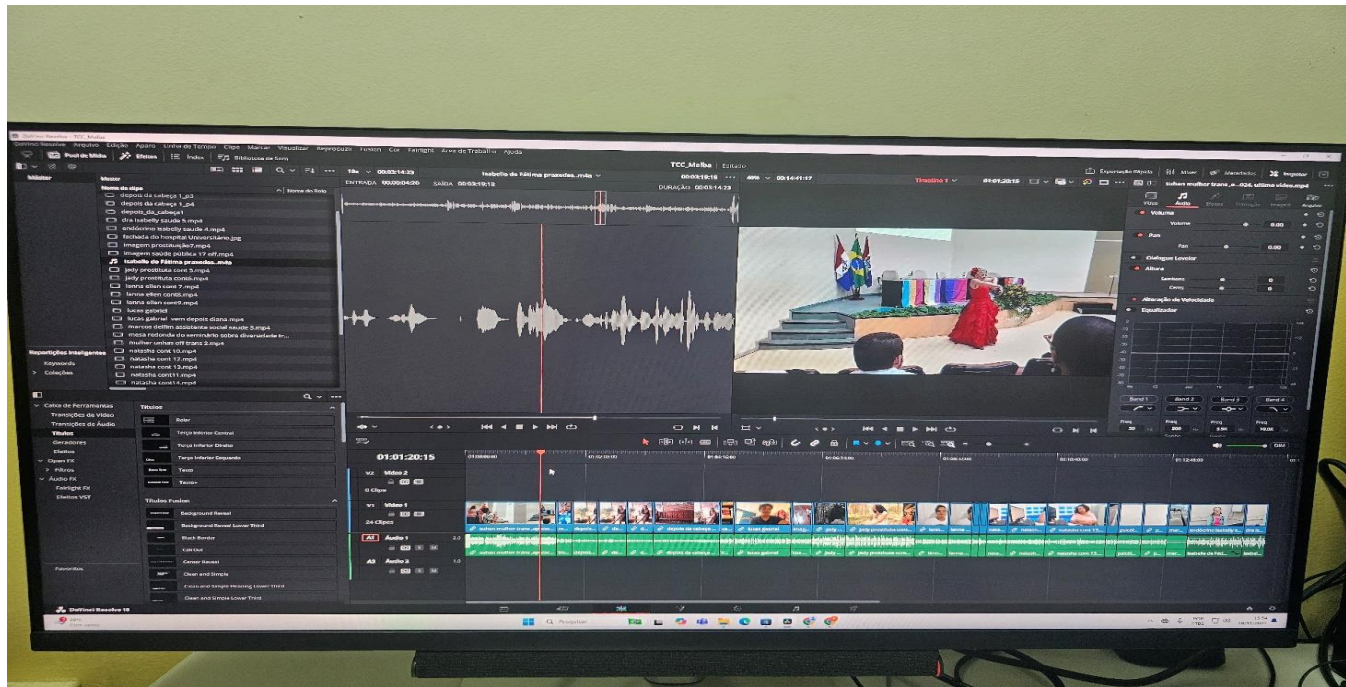
Bruna, nos conta sobre a discussão sobre gênero, explica que a transexualidade já foi classificada como doença ou transtorno mental, pela organização mundial de saúde e que atualmente é vista como uma condição. Fala também da disforia de gênero e dos episódios que alguns pacientes podem chegar a praticar automutilação e suicídio.

Cena 7: jady externa dia 6 ruas dia e noite

Jady conta sua vida pessoal e fala da prostituição.

Ela está usando vestido estampado, cabelos soltos, maquiada, colar brincos e tem uma tatuagem no braço direito, ambiente externo. Ela relata com é sua vida sendo uma mulher trans prostituta, diz também o sonho de terminar os estudos.

Decupagem e edição:



Programa usado: davinci resolver (foto do momento da edição de áudio e vídeo)

Decupagem: foram escolhidas imagens, recortes de vídeo, a organização e separação das cenas, corte seco e fotos, ângulos e planos. (imagens externas e internas) nas dependências da Universidade Federal de Alagoas, no ambulatório trans localizado hospital universitário Albeto Antunes, na clínica da saúde João Fireman, na residência dos entrevistados. Uma das entrevistadas e na avenida da paz(rua).

Edição feita por Pedro Gustavo Celerino editor de vídeo e som da Universidade Federal de Alagoas. Decupagem (escolhas dos vídeos, edição, Legendas, trilha sonora) e montagem do produto.



Registros de eventos relevantes a causa transgênero: Seminário estadual serviço social, feminismo e diversidade trans. auditório FEAC-faculdade de Economia, administração e contabilidade. Ufal /29 de agosto de 2024.



Lançamento da cartilha das juventudes e saúde LGBTQIAPN+ em Alagoas. reitoria da Universidade Federal de Alagoas /25 de março de 2024. Presença de autoridades, ativistas, políticos e participantes da cartilha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar de questões que envolvem gênero e transgeneridade são aspectos que fazem parte de nossa sociedade, mas que ainda causam repercussão ou mesmo tabu, o que dizer da estigmatização da contaminação e disseminação do vírus HIV/AIDS.

Um pouco do resgate em épocas passadas, a revista manchete em páginas coloridas mostrava corpos siliconados, e toda exposição possível, na revista playboy afirmava a curiosidade sobre Roberta Close – que foi um ícone dos anos 80 em referência a travestilidade. Em contraponto a imprensa do Ceará noticiava travestis nas páginas policiais, reforçando o estigma da marginalidade ou delito.

No livro travestis, carne -tinta e papel, uma personagem se destacou em uma época em que não se falava em travestis, ele nasce na década de 40 trata-se Manoel Amorim, homem Paraibano que foi morar em Fortaleza, onde morava em um apartamento conhecido por “palácio dos frangos” esse termo era usado para designar homossexuais, Amorim possuía escritos entre eles romances autobiográficos.

A sociedade em que vivemos precisa falar mais sobre a transgeneridade, o acolhimento a pessoas transgênero respeitando a dignidade, empatia e a preservação dos direitos humanos, a seguridade do direito ao nome social, postos de trabalho, acessar a escola e o ensino superior com qualidade.

Os três locais de referência em Maceió: Hospital da Briança, Hospital Universitário Professor Alberto Antunes e o Ambulatório Saúde da Família João Fireman, viabilizando o atendimento e acolhimento é totalmente gratuito. Falar da cirurgia de mastectomia demora no processo pelo SUS e se for particular, o valor é alto. A cirurgia de redesignação, não é realizada em Maceió, cidades como Salvador ou em Pernambuco são as referências em cirurgia na região nordeste, dificultando acessibilidade de quem precise do procedimento cirúrgico.

O ativismo é um ponto positivo de luta pelas políticas públicas em favor a comunidade transgênero, as cotas nas universidades federais pelo país, é sem dúvidas uma conquista relevante, dar acesso ao conhecimento acadêmico, faz com que dê chance de igualdade nestes espaços, que antes eram tidos como uma realidade distante.

Mesmo com todas as estratégias praticadas, a população transgênero ainda é vítima constante de casos de violência em nosso país. Como nos deparamos no noticiário que se tornou cada vez mais frequente os casos de violência e mortes.

O acesso a cirurgia de transgenitalização é um dos processos que alguns indivíduos buscam e que precisa de um parecer médico (terapia psicológica) de um prazo de 2 anos e um forte motivo que seria a disforia de gênero - quando o indivíduo não aceita o gênero de biológico e necessita transitar.

REFERÊNCIAS

<https://quadernsdepsicologia.cat/article/download/v25-n1-souza/1599-pdf-pt/8634>

[Nichols-quetiposdedocumentáriotem.pdf](#) /acesso em 14/10/2024 – 20h41.

PARDINI, B. A. & Oliveira, V. H. (2017). **Impacto da violência psicológica e transexualidade.**

PEDRA, Caio Benevides. **Cidadania trans: o acesso à cidadania por travestis e transexuais no Brasil.** Capa comum – 21 janeiro 2020.

Trans-gredindoa “normalidade” A invisibilidade das pessoas trans e travestis na sociedade Brasileira, disponível em:

https://www.engteg2022.anpuh.org/resources/anais/10/engteg2022/1675161136_ARQUIVO_1b96a15643623f993aa3c33e8c659c28.pdf.

Travestis e transexuais no Brasil: memórias de luta e resistência.

Travestis-carne, tintaepapel.pdf Veras. Elias Ferreira / acesso em: 14 /10/2024, às 08h54 em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4004225.pdf>.

VASCONCELOS, Caê. **Transresistência: Pessoas Trans no Mercado de Trabalho.** Capa comum – 29 dezembro 2021.

Vivenciando a transexualidade: o impacto da violência psicológica na vida das pessoas transexuais.